



COMBART

**GUERRA, PAULA
& CAMPOS, RICARDO**

(EDS.) (2025)

**:: ARTE, ARTIVISMO
E CIDADANIA.
REVOLUÇÕES,
PROTESTOS
E ATIVISMOS
ESTÉTICO-POLÍTICOS**

:: ART, ARTIVISM
AND CITIZENSHIP.
REVOLUTIONS,
PROTESTS AND
AESTHETIC-POLITICAL
ACTIVISM

PORTO: FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULTY OF ARTS AND HUMANITIES OF THE UNIVERSITY OF PORTO

COLOMBART

**Arte, ativismo
e cidadania.**

Revoluções.

Protestos.

**Ativismos
estético-políticos.**

Paula Guerra

Ricardo Campos [Eds.]

PODE UMA LOUCA SER MÃE? MATERNIDADES DE MULHERES RACIALIZADAS DURANTE INTERNAMENTO PSIQUIÁTRICO INVOLUNTÁRIO E DE LONGA DURAÇÃO NO BRASIL.

CAN A CRAZY WOMAN BE A MOTHER? MATERNITY HOSPITALS OF RACIALIZED WOMEN DURING INVOLUNTARY AND LONG-TERM PSYCHIATRIC HOSPITALIZATION IN BRAZIL.

Daniele S. Filgueiras da Silva ALVES, Universidade Federal Fluminense, Brasil. E-mail: fillgueiras@gmail.com

<https://doi.org/10.21747/978-989-9193-02-4/coma3>

Resumo

Antes da reforma psiquiátrica brasileira, regulamentada pela lei 10.216/ 2001, as internações psiquiátricas são de longa duração e massivamente consistem na exclusão social e familiar do indivíduo internado. Agregando gênero às análises sociológicas sobre manicômio, questiono como mulheres que estavam gestantes - no momento da internação psiquiátrica - vivenciam a fase gestacional, parto e puerpério na instituição total (Goffman, 2015), além de como a instituição procede em relação ao convívio entre mães e filhas nascidas nesse contexto. Para compreender a maternidade na lógica asilar, escolho um conjunto de técnicas e métodos da pesquisa social qualitativa: entrevistas narrativas, dados visuais e análise documental, utilizando a interseccionalidade como ferramenta analítica (Bilge & Collins, 2021). Dessa forma, reconstruir as histórias de vida (Rosenthal, 2014) das mães e suas filhas parece um caminho possível para a consolidação da investigação.

Palavras-chave: histórias de vida, estupro, adoção, interseccionalidade, métodos qualitativos

Abstract

Before the Brazilian psychiatric reform, regulated by law 10.216/2001, psychiatric hospitalizations were long-term and massively consisted of social and family exclusion of the hospitalized person. Adding gender to the sociological questions about the asylum, questioning how women who were pregnant experienced the gestational phase, childbirth and postpartum period in the asylum (Goffman, 2015), in addition to how the institution proceeded in relation to the coexistence between mothers and children born in the asylum context. To understand motherhood in asylum logic, I choose a set of qualitative social research techniques and methods: narrative interviews, visual data and documentary analysis, using intersectionality as an analytical tool (Bilge & Collins, 2021). Thus, reconstructing the life stories (Rosenthal, 2014) of mothers and their daughters seems a possible way to consolidate the investigation.

Keywords: life stories, rape, adoption, intersectionality, qualitative methods

Introdução

Neste texto, apresento a pergunta que orienta a investigação, o perfil das entrevistadas, a dimensão imagética e a aproximação com o campo de pesquisa como cruciais fatores para eleger o conjunto de métodos e técnicas da pesquisa social, assim como as possibilidades de desdobramentos apresentados pela investigação. O estatuto desta pesquisa compreende como fonte, as histórias de vida das mulheres que se tornam mães em instituição psiquiátrica e suas filhas. Assim como a metodologia é construída com a participação delas.

Quais as configurações de maternidades na lógica manicomial? O contexto analisado é o anterior à Reforma psiquiátrica brasileira, balizada pela Lei n 10.216/2001, que altera o modelo de assistência à pessoa com transtorno mental. Dessa maneira, não são mais permitidas internações psiquiátricas de longa duração, que na maior parte das vezes, ocasiona na exclusão familiar e social.

Os casos encontrados estão compreendidos entre as décadas 1958 a 2001, com lacunas temporais e documentais expressivas, em que observo a predominância de mulheres cis racializadas - lidas socialmente como negras ou como originárias - que trabalham, na época, como empregadas domésticas ou exercem trabalho braçal em lavouras. Estas, estupradas no ambiente laboral são submetidas à internação psiquiátrica, quando a gravidez é notada.

Enquanto a pergunta que norteia a investigação é de como o manicômio operacionaliza a gestação, parto e puerpério dessas mulheres em internamento psiquiátrico, o que a pesquisa de campo revela é o uso sistemático do manicômio como uma engrenagem perversa (Alves, 2023), em que o próprio funcionamento da instituição manicomial retroalimenta violências contra mulheres racializadas, que tem as suas maternidades negadas.

Ilumin(Ación)

Meses antes de iniciar a investigação científica, que remonta as maternidades na lógica asilar brasileira, participo do III Encuentro Red Latinoamericano y Del Caribe de Derechos Humanos y Salud Mental, na cidade de Rosário, Santa Fé, Argentina, em 2019. O objetivo do evento científico é ser uma referência para o movimento antimanicomial latino-americano e do Caribe, compreendendo como coletiva a construção da luta por uma sociedade sem manicômios².

No âmbito deste evento, crio e enceno a performance “Ilumin(Ación)”. Entrelaço-me à fios, que tem dependuradas algumas fotografias publicadas na internet, de manicômios brasileiros, e, neles, pessoas em internação psiquiátrica.

² Para conhecer mais o evento mencionado, consulte: <https://www.aterosario.org.ar/cronicas-del-3er-encuentro-de-derechos-humanos-y-salud-mental.html>



Figura 1: Performance Ilumin(Ación) durante a Marcha antimanicomial. Rosário, Argentina, 2019.

Fonte: Foto cedida por Lucia Lagos.

A performance compõe a marcha antimanicomial e no percurso, transeuntes se aproximam, questionando qual a configuração das instituições psiquiátricas brasileiras e relatam o desconforto de identificar a composição racializada na maior parte das pessoas internadas. Em seguida, narram as suas experiências de permanecer, por um curto período, em internamento psiquiátrico na Argentina.

Adoto a ação de iluminar e direcionar o olhar do público para as fotos de pessoas internadas em manicômios. Este é um ensaio das técnicas e métodos que utilizo mais tarde na pesquisa científica? As fotografias como dados visuais (Bauer & Gaskell, 2015) e os relatos dxs transeuntes como amostra das histórias de vida narradas (Rosenthal, 2014)? Alves (2023, p.4) parece estabelecer uma conexão entre a performance e a investigação acadêmica, já que em ambas as produções, há o intuito de chamar a atenção para o que não está sendo visto.

Enquanto na performance interajo com realidade social e práticas de saúde mental da Argentina, além de materializar, através da arte, a visibilidade de indivíduos esquecidos intramuros; na dissertação é possível conhecer as histórias de vida de mulheres brasileiras, racializadas e em vulnerabilidade social, que são silenciadas, e, as suas maternidades apagadas.

Na performance, a pergunta latente dxs transeuntes era “porque são racializadas, as pessoas internadas em manicômios?” Na pesquisa científica, para responder se todas as mulheres podem ser mães, é importante indagar “qual o perfil das mulheres que se tornam mães no contexto manicomial?”

Carneiro (2023, p.61) a partir da biopolítica de Foucault, discorre sobre o dispositivo de racialidade e analisa que a articulação entre gênero e raça produz efeitos específicos na sociedade, que no gênero feminino há uma ênfase no controle das tecnologias reprodutivas e no gênero masculino, a pura violência.

Em geral, a esterilização forçada de mulheres em todo o mundo não tem sido tratada como uma questão racial, embora, quando cuidadosamente examinada, se reconheçam aí fatores de risco, como raça, classe e outros, que determinam quais mulheres, mais provavelmente, sofrerão e quais não sofrerão esses abusos (Crenshaw, 2002, p.175).

Em uma das tentativas de aproximação com o campo de pesquisa, é mencionada a possibilidade de ter ocorrido esterilização de mulheres cis durante internamento em manicômios. Por sua vez, na localidade onde a pesquisa de campo é realizada, que é predominantemente católica, não há indícios de intencionalidade em provocar abortamentos ou práticas de esterilização. Acredito que os pressupostos religiosos católicos podem justificar a diferença no tratamento, apesar da permanência do controle reprodutivo dos corpos em asilamento psiquiátrico, sobretudo das mulheres cis racializadas.

Pode uma mulher, estigmatizada pela internação manicomial, ser mãe?

A primeira incursão empírica é realizada durante a pandemia de COVID-19, o que contribui para uma composição estratégica de métodos e técnicas da pesquisa social, que possibilite o acesso à coleta de dados, em meio ao isolamento social. Desta forma, utilizo métodos qualitativos como dados visuais, análise documental de legislação, prontuário e fichas de internação, realização de entrevistas narrativas. A partir das histórias de vida narradas (Rosenthal, 2014), ao biografar a vida das mulheres que se tornam mães em instituição

psiquiátrica e ao utilizar a abordagem da interseccionalidade como ferramenta analítica (Bilge & Collins, 2021) é formado um conjunto metodológico crucial para perceber a complexidade desses fenômenos sociais e evitar análise universalista (Crenshaw, 2002).

Assim, o perfil identificado das entrevistadas, ao utilizar a ferramenta analítica da interseccionalidade, é de mulheres racializadas, em vulnerabilidade social, que ocupam posição de trabalho subalternizada. González (2020, p.67), a partir da teoria marxista e dos estudos da psicanálise, entende o mito da democracia racial como uma forma de recalque do racismo na sociedade brasileira e aponta para uma divisão racial do trabalho, na qual “a população negra é sempre forçada a permanecer nas escalas inferiores da hierarquia social”.

Como estratégia metodológica, suprimo os nomes do manicômio, para que seja vista a natureza da instituição total (Goffman, 2015), que independentemente de qual seja, se comporta como uma engrenagem perversa (Alves, 2023). O conceito de instituição total de Goffman (2015), a caracteriza como aquela que proporciona a ruptura das barreiras que comumente separam as esferas básicas da vida na sociedade moderna. Tais aspectos vitais são regidos em um mesmo local, sob única autoridade, em que é estabelecido o convívio em grupos.

Ainda segundo Goffman (2015), os indivíduos são obrigados a realizar as mesmas atividades diárias, rigorosamente em determinados horários, com regras impostas de cima, aplicadas pela equipe dirigente e com o intento de corroborar os objetivos daquela instituição. Goffman (2015) caracteriza a instituição manicomial tendo a função de depósito de indivíduos, na qual se almeja a reforma dos internados, em direção a um padrão ideal.

A maior parte das entrevistadas relatam que a gravidez é em decorrência de estupro e ao ter a gravidez notada, são encaminhadas para internamento psiquiátrico por um dos seguintes agentes sociais: empregadores, familiares, polícia. A partir dos relatos, o que é evidenciado é a inexistência de motivação patológica para as internações (Alves, 2023). No caso de Rosemeire, por exemplo, ela é encaminhada para o HPBR pela polícia por se defender de uma tentativa de estupro:

Eu não tinha nem peito, nem peito eu tinha. (...) Ele queria passar a mão em mim, alisar eu, ficar alisando eu, eu peguei a faca. (...) Era uma faquinha assim, ó, pequenininha, era uma faquinha. Como é que eu ia matar alguém com uma faquinha desse tamanho? (Alves, 2023, p.51).

O conceito de engrenagem perversa (Alves, 2023) alude a um ciclo de reprodução de violências, em que as mulheres são estupradas, e por conta disso, são privadas de liberdade, tendo às suas maternidades reguladas pela instituição manicomial, mesmo estando em condições de exercer suas maternidades. Segundo Lourdes, estuprada na casa em que trabalha como empregada doméstica e encaminhada grávida para a instituição psiquiátrica:

Chegar lá no hospital, eles não olhavam o que a gente tinha não, que eu fiquei com a cabeça ruim, porque eu estava grávida. (...) As funcionárias que nem olhavam pra gente, levaram a gente pro médico e me meteram um remédio brabo. E eu estava grávida de três meses, já pensou? Tanto remédio que eu tinha tomado, não sei como não matou eu e minha filha! Foi Deus mesmo (Alves, 2023, p.47).

Considero que o relato de Lourdes marca a negligência e retroalimentação de violência de gênero pela instituição manicomial, contudo não apresenta uma intencionalidade da funcionária em provocar um abortamento. Segundo Lourdes, quem percebe a gravidez dela é outra paciente, nenhuma funcionária nota a sua gestação.

Após o nascimento das bebês, as adoções são agenciadas pela instituição manicomial, que encaminham as bebês para casais de trabalhadorxs. Em alguns casos, estes casais tem diagnóstico de esterilidade. Apenas uma das mulheres em asilamento permanece com a filha e há indícios no campo de pesquisa, de que algumas crianças são destinadas ao trabalho infantil doméstico.

Por que Miralás?

Alves (2024) aduz que a escolha do método qualitativo de entrevista narrativa, desde antes do estabelecimento do campo, é o prenúncio da nuance de toda a investigação, em que são as mulheres cis e filhas, as referências. A composição metodológica pressupõe uma “mirada” para as entrevistadas, desde o compartilhar às etapas da pesquisa, como escutá-las durante a construção da investigação.

Dessa forma, o objetivo é tomar “o relato do entrevistado como referência” (Rosenthal, 2014, p. 171), assim como trazer para o primeiro plano da investigação, as histórias de vida narradas das entrevistadas. Ainda de acordo com Rosenthal (2014, p.171), “ a entrevista não é vista como forma de se obter informações de maneira simples, mas, sim, como modo de produção coletiva de realidade social pelos entrevistados com o entrevistador”.

Para proteger a identidade das entrevistadas, sugiro que escolham seus pseudônimos, enquanto atribuo o nome fictício de Miralas à localidade brasileira onde a pesquisa empírica é realizada. O termo Miralas é uma maneira de ressaltar o estatuto desta investigação, que torna as histórias de vida narradas (Rosenthal, 2014) de mães e filhas como fonte, assim como as frequentes revisitas ao campo, para que a metodologia qualitativa seja pensada com elas.

Desta maneira, a investigação científica é constituída olhando para as mulheres, suas maternidades e filhas, atingidas pelo asilamento antes da Reforma psiquiátrica brasileira, marco temporal desta investigação. Adoto “atingidas” e não “vítimas” da violência institucional, a partir da conceituação formulada por Abreu e Coimbra (2018, p. 103), que se posicionam de maneira a não produzir assujeitamentos.

Em contrapartida, identifico o manicômio com a sigla HPBR, que significa Hospital psiquiátrico brasileiro, como estratégia metodológica para não revelar o nome da cidade e instituição manicomial

Referencio-me em Elias & Scotson (2000) que realizam um estudo em uma comunidade industrial inglesa, para compreender as relações de poder estabelecidas ali. Os autores criam o nome fictício de Winston Parva para denominar a localidade, o que permitiu ampliar a análise sociológica. Dessa forma, como em todas as cidades que transitei, encontrei relatos próximos e que tanta resistência no campo indica uma forte preocupação com essa temática, considerei que a supressão dos nomes salientaria uma abordagem coletiva, compreendendo que o mecanismo de HPBR é da mesma natureza, independentemente sobre qual HPBR esta pesquisa se debruce (Alves, 2023, p.33)

Nos primeiros casos analisados, entre o final da década de 1950 e início da década de 1960, a prioridade é a manutenção da bebê, da criança na família biológica e/ou que não se perca o convívio com as mães, mesmo nos casos de adoção. Refiro-me no feminino, porque todas as filhas das entrevistadas são mulheres.

Segundo Goffman (1985), o estigma é um atributo profundamente depreciativo, em que o indivíduo é desacreditado socialmente e sua identidade deteriorada. “Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano” (Goffman, 1985, p.8). Com base na estigmatização e na desumanização do indivíduo estigmatizado, o autor observa que

Fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: Construimos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social (Goffman, 1985, p.8).

Para Alves (2023), o estigma da loucura e da exclusão social, neste período, parece não invalidar a maternidade das mães em internamento psiquiátrico e há uma conduta da equipe dirigente (Goffman, 2015) do HPBR, em que é estimulada, que as bebês, ao crescerem, conheçam e convivam com as mães biológicas, mesmo que pontualmente. Todavia, há uma mudança significativa, a partir de meados da década de 1970, quando o estigma da internação psiquiátrica sobrepõe ao respeito à figura da mãe, valorizando fortemente o papel dos pais adotivos.

Considerações finais

A presente investigação, desenvolvida cientificamente, na área da sociologia, apresenta importantes dimensões política, imagética e artística. Como são escolhidos o conjunto de métodos e técnicas qualitativos de uma pesquisa? Pode uma criação artística ter norteado tal escolha? As histórias de vida narradas (Rosenthal, 2014), a partir de entrevistas narrativas, se apresenta como o método de coleta de dados qualitativos, que possibilita a pesquisa empírica, no contexto de isolamento social.

Há outro elemento que revela a importância da “tomada do relato como referência” (Rosenthal, 2014, p. 171), no âmbito desta pesquisa, que é perceber que os atores sociais, ao serem encapsulados em um dispositivo de controle social, como a instituição total, preconizada por Goffman (2015), aparentam ter uma necessidade maior de narrar a sua própria história. Mirá-las.

O recorte racial é um elemento reiterado no contexto manicomial brasileiro. Quando agregado à discussão de gênero, conforme apontado por Carneiro (2023), há um desdobramento nas tecnologias de controle reprodutivo das mulheres. Na vertente do feminismo negro, recorrentemente é trazido o debate sobre a esterilização contra a vontade, de mulheres racializadas, como elabora Crenshaw (2002). E por qual motivo, uma das mulheres que se torna mãe durante internamento manicomial permanece com a sua filha e as outras não? Esta inquietação tem direcionado a atual etapa da investigação, em andamento.

Agradecimentos

Às entrevistadas, que confiaram às suas histórias de vida e acompanham as etapas desta pesquisa; à Profa. Dra. Paula Guerra e a equipe do COMbART, pela oportunidade formativa e de expansão da pesquisa; à Profa. Dra. Flavia Mateus Rios (PPGS/UFF), cujas orientações representam saltos quânticos nesta investigação; ao Prof. Dr. Jorge de La Barre (PPGS/UFF) pelos direcionamentos, incentivo e apoio; ao Prof. Dr. Artur de Albuquerque Perrusi (PPGS/UFPE) por me acompanhar na construção empírica da pesquisa; às comunidades do PPGS-UFF e PPGS-UFPE, que acolheram esta proposta de investigação.

Financiamento

Concessão de bolsa CAPES: tanto no vínculo atual como estudante do doutorado do Programa de Pós-graduação em Sociologia na Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF), quanto no curso de mestrado realizado no Programa de Pós-graduação em sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGS/UFPE).

Referências Bibliográficas

Abreu, A. M., & Coimbra, C. (2018, abril). Problematizando a experiência clínico-política da equipe clínico-grupal Tortura Nunca Mais. *Revista Transversos*, 12, 91-109.

Alves, D. S. F. S. (2023). *Pode uma louca ser mãe? Análise interseccional de histórias de vida de mulheres que se tornam mães durante asilamento psiquiátrico*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Alves, D. (2023, agosto). Ilumin(Ação): A invisibilização de mulheres racializadas durante internamento psiquiátrico. Artigo apresentado na *XIV Reunião de Antropologia do Mercosul*, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

Alves, D. (2024, agosto). Violências contra mulheres racializadas que são mães durante asilamento, antes da Reforma Psiquiátrica Brasileira, involucradas pelo ineditismo científico. Artigo apresentado no *Seminário Internacional Fazendo Gênero 13: Contra o fim do mundo, antifascismo, anticolonialismo, justiça climática*, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Basaglia, F. (2010). *Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica*. Garamond.

Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2015). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Vozes.

Benjamin, W. (1994). *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Brasiliense.

- Bilge, S., & Collins, P. H. (2021). *Interseccionalidade*. Boitempo.
- Carneiro, S. (2023). *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Zahar.
- Crenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), 171–188.
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. Boitempo.
- Davis, A. (2021). *Estarão as prisões obsoletas?* Difel.
- Elias, N., & Scotson, J. L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Zahar.
- Fanon, F. (2020). *Alienação e liberdade: Escritos psiquiátricos*. São Paulo.
- Flauzina, A. L. P. (2006). *Corpo negro caído no chão: O sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro*. UNB.
- Foucault, M. (2014). *História da loucura: Na Idade Clássica*. Perspectiva.
- Foucault, M. (2022). *O poder psiquiátrico*. Martins Fontes.
- Goffman, E. (1985). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Zahar.
- Goffman, E. (2015). *Manicômios, prisões e conventos*. Perspectiva.
- González, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaio, intervenções e diálogos*. Zahar.
- Passos, R. G., & Pereira, M. O. (Orgs.). (2017). *Luta antimanicomial e feminismos: Discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira*. Autografia.
- Richwin, I., & Zanello, V. (2022). A(s) maternidade(s) de mulheres em situação de rua: Entre violações e possibilidades de reparação subjetiva. *Psicologia Clínica*, 34, 79–104.

- Rosenthal, G. (2014). História de vida vivenciada e história de vida narrada: A inter-relação entre experiência, recordar e narrar. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 14(2), 227-249.
- Segato, R. (2022). *Cenas de um pensamento incômodo: Gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial*. Bazar do Tempo.
- Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Zahar.
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*. Appris.